

## O "GRANDE DIZIONARIO DELLA LINGUA ITALIANA" DE SALVATORE BATTAGLIA

A história da lexicografia italiana regista, como é sabido, através dos séculos, várias peripécias, desde a do Dicionário da **Accademia della Crusca** — que não passou da letra O, e cuja quinta edição, em dez volumes, necessitou para aparecer do longo espaço de tempo compreendido entre 1863 e 1923 — até à do Vocabulário da **Reale Accademia d'Italia** que, no início da última guerra mundial, ficou no primeiro volume. E a antiga e gloriosa **Accademia della Crusca** não ousou ainda decidir-se a retomar os respectivos trabalhos.

Salvatore Battaglia, cujo nome é bem conhecido, também no estrangeiro, pelos estudos de amplo fôlego realizados em todo o vasto círculo da Filologia e das literaturas românicas, da provençal à espanhola, ousou, pelo contrário, encarregar-se sozinho (evidentemente no espírito de Diderot, que escreveu "si le dictionnaire se fait bien, ce sera para un seul homme", e no de Croce, segundo o qual um vocabulário deve ser "opera di un individuo, che se ne innamorì, la carezzi, la coltivi, la fecondi") de uma empresa de fazer tremar, tomando explicitamente a responsabilidade de qualquer deficiência, mesmo da contribuição da série de redatores, revisores e colaboradores, naturalmente necessários à realização concreta das suas diretivas de conjunto: propôs-se preparar e publicar um **Grande Dizionario della Lingua Italiana**. A casa editôra que assumiu a responsabilidade de uma obra tal quis dar-lhe um valor simbólico, empreendendo a publicação como comemoração do centenário da própria atividade editorial: trata-se da U. T. E. T. (Unione Tipografico-Editrice Torinese), de Turim, que, com a obra de Battaglia, quer ao mesmo tempo celebrar dignamente o centenário do famoso e ainda fundamental **Dizionario della Lingua Italiana** de Nicolò Tommaseo (e Bernardo Bellini), que a mesma editôra quis pu-

blicar, faz agora um século, por ocasião da proclamação do Reino de Itália, em 1861. E como primeiros documentos da língua italiana, as **Carte Campana**.

Por outras palavras, tudo estava pronto para que a árdua empresa de Salvatore Battaglia assumisse, não só graças aos esforços que exige uma iniciativa dêste gênero e aos elogios que merece, o valor de um símbolo, tanto mais que os seus inícios prometem, na qualidade e no tempo, regular e admirável execução: saíram até agora do **Dizionario** os primeiros dois volumes, o primeiro de fevereiro de 1961, A-BALB, com 952 páginas de grande formato a três colunas, o segundo, de setembro de 1962, BALC-CERR, com 1004 páginas, naturalmente do mesmo formato e com o mesmo número de colunas, cada um dos quais acompanhado pelo índice dos autores citados (o primeiro relativo aos autores do I volume, o segundo aos de ambos). Quer isto dizer que a publicação respeita quase literalmente a distância (de dezoito meses) anunciada entre um e outro dos oito volumes programados (no fascículo das **Voci di Saggio**, publicado em 1956, a obra tinha sido anunciada em quatro volumes), de modo que em pouco mais de dez anos os estudiosos devem poder dispor da obra completa.

Sabe-se que é uma das características da língua italiana apresentar uma tradição acentuadamente literária, e que é um dos seus valores diferenciais a posse de uma igualmente acentuada tradição de cultura. E sabe-se ainda, por outro lado (quase por uma natural oscilação de um extremo ao extremo oposto) que o movimento de transformação da própria língua, no processo de integração do toscano com as peculiaridades locais das outras regiões da Itália, se tornou progressivamente mais rápido no século passado, sobretudo em consequência da unificação política do país, para fazer-se literalmente vertiginoso nas últimas décadas. Por isso, na constatação dêste irrefreável processo de nivelamento e uniformização da língua, paralelo ao de uma sua igualmente irrefreável dilatação, sentia-se cada vez mais urgente a necessidade de um novo dicionário, que encontrasse no compilador, porém, a coragem de encarar a realidade de tantas novidades, e de dar-lhes o devido peso, para

que resultasse verdadeiramente documento e instrumento do próprio tempo.

Tal clareza de intenções e tal decisão na realização evidenciam-se como um dos muitos méritos incondicionais da tarefa de Battaglia, o qual, manifestamente consciente do ônus assumido (segundo Scaligero, a tarefa de compilar um dicionário é a mais árdua a que possa submeter-se um homem: “. . . omnes poenarum facies hic labor unus habet”), compreendeu que um trabalho dêste gênero, preparado nos nossos dias, deve antes de mais nada partir da advertência de Voltaire, citado por Battaglia na apresentação, segundo o qual “un dictionnaire sans citations est un squelette”, ou seja que um dicionário deve propor-se a uma função dialética (na relação entre definição e testemunho “ed è l’esemplificazione degli scrittori e dei poeti che ogni volta riattualizza la parola e la restituisce alla sua integrità e autenticità”).

No espírito ainda desta seriedade de documentação, o **Dizionario** revela-se fruto da singular sensibilidade de literato, além de investigador, de Battaglia, já que na obra cada palavra existe por si e na respectiva história, quer dizer, como componente dos dois elementos da informação (contribuição do estudioso) e de representação (contribuição do homem de bom gôsto). Por outras palavras, podemos agora dispor de um dicionário onde não existem fronteiras — explícitas ou implícitas — entre palavras “ativas”, ou seja em uso, e palavras “passivas”, ou seja em desuso: tôdas são apresentadas em relação com a própria história, do passado ao presente, e em certo sentido, diríamos, até na previsão do próprio intuível futuro; dos escritores dos primórdios da língua até tantos e tantos entre os dos nossos dias, últimos contemporâneos, faz Battaglia uso larguíssimo; e é esta outra característica fundamental, e peculiar, da sua obra. Conseqüência que, relativamente a numerosos vocábulos, o **Dizionario** apresenta autênticas monografias, como por exemplo as quinze colunas — em 19 parágrafos — de **amore**, as oito — em 14 parágrafos — de **bene**, as seis — em 14 parágrafos — de **cambio**, as nove — em vinte e quatro parágrafos — de **canna**, até nada menos de dezessete colunas — em 18 pa-

rágrafos — dedicadas a caso. Resulta que, confrontando êste dicionário com os mais conhecidos e usados na vida quotidiana do italiano (de Fanfani a Mestica, de Rigutini a Zingarelli), se constata que, enquanto nenhum dêstes vai além das quarenta ou cinqüenta mil alíneas, o de Battaglia inclui, só para a letra A (quer dizer nas primeiras 917 páginas do primeiro dos oito volumes anunciados) 12.934 alíneas, com uma documentação constituída por cêrca de cem mil citações. E até a propósito de citações o confronto é impressionante: as 153 do **Vocabolario della Crusca** e as 313 do de Tommaseo, relativas ao vocábulo **amore**, resultam aqui em 518!

Quanto mais é audaciosa, uma novidade, na ordem natural das coisas, pode suscitar perplexidade. Nem tôda a crítica que já se ocupou dos primeiros volumes do **Dizionario** deu o devido pêso à cautela com que Battaglia se propôs dosar o antigo e o moderno no “prospettare e documentare la secolare civiltà linguistica italiana”, como escreve êle mesmo na apresentação, com uma riqueza tal de citações que reconduzem o **Dizionario** “nell’ambito della letteratura e della vita”, sem todavia a pretensão de conceder atestados “di classicità e di esemplarità” a certos escritores de hoje, mas antes com a finalidade de testemunhar a quebra de barreiras e de limites provocada pela vida moderna mesmo no meio com que uma comunidade se exprime e se compreende; e parece-nos um dever que tome oportuna nota de tais particularizações quem esteja convencido, como Battaglia, de que “la parola risulta, in un vocabolario, per un verso, come semplice scheda d’anagrafe e, simultaneamente, vi assume valore biografico e personale, carico cioè di qualifiche e di esperienze”; no espírito de cuja convicção Battaglia, homem do seu tempo, entendeu preparar um dicionário “rivolto principalmente a documentare l’attuale esperienza linguistica come fede nella vitalità e creatività del nostro tempo”.

E quem entra em contacto com êste **Dizionario** tanto mais se prende ao seu significado literário quanto mais se sente contemporâneamente atraído pela respectiva substância linguística, até nos seus aspectos mais modestos: Battaglia dedica atenção completa e espaço abundante mesmo às particulas

e preposições, aos fatos sintáticos, às maneiras de dizer, aparecendo atualizado — e ao mesmo tempo longe de passivamente imitador — com os resultados isolados das mais recentes edições críticas dos autores e dos últimos dicionários etimológicos, bem como com o material útil para a consideração dos neologismos. Nos limites concedidos a alguém empenhado numa empresa de excepcional dificuldade, cabe a Battaglia um reconhecimento absoluto, tanto mais que se pode sem dúvida supor que, com a abertura mental e a disponibilidade intelectual que sempre revelou na sua fecunda atividade de estúdio, não hesitará em considerar as sugestões que lhe foram feitas depois da publicação dos dois primeiros volumes: entre outras, para que abunde ulteriormente também na indicação da época em que surgem determinados significados de uma palavra; o mesmo quanto à documentação da fase setecentista dos termos, com a devida atenção aos dicionários da época (1). A qualidade e a quantidade das sugestões podem bem ser proporcionais à entidade e à finalidade de uma obra que, por sua vez e ainda no início, pode já sem dúvida ser definida como um acontecimento de importância na história da lexicografia italiana, e, como tal, constituir um documento de valor universal. Os estudiosos de língua espanhola, ao corrente das fadigas necessárias para preparar o **Diccionario Histórico de la Lengua Española**, de que há pouco foi iniciada a publicação, saberão espontaneamente dar-lhe o devido peso.

Na abertura da sua Apresentação ao **Dizionario**, Salvatore Battaglia propunha-se, com senhoril discrição, poupar “al benevolo lettore il ricordo delle tante tribolazioni che abbiamo sperimentate nel redigere il nostro Dizionario, il quale ci ha

---

(1) — G. B. Pellegrini, autor das sugestões indicadas (em II “Grande Dizionario della Lingua Italiana” di S. Battaglia, em “Studi Mediolatini e Volgari”, vol. IX, 1961, págs. 155-162), notando que as citações de Battaglia a respeito do vocábulo amaca “partono giustamente dal Pigafetta, ma saltano poi direttamente al D’Annunzio”, recorda a definição dêle dada pelo **Dizionario Universale critico-enciclopedico** de Francesco d’Alberti (Lucca 1797-1805): “T. della storia moderna. Letto pensile dei Brasiliani che è una coltre applicata a due punti fissi”.

richiesto un'assidua prova di entusiasmo e di abnegazione, che sempre si rinnova per ogni volume e per la stesura di ciascuna voce". Era seu direito conceder-se êste desabafo; e tem direito à admiração e à gratidão do mundo cultural em geral e da cultura românica em particular.

GIUSEPPE CARLO ROSSI